

POESIA

- 1. Miguelina Soifer**
- 2. Adelaide Mattana Villa**

CONTRASTES

Adelaide Villa.

Amo as coisas pequenas, singelas
filhotes fofinhos de aves
a se esponjar na areia
florinhas colorindo a campina
mãos de criança esmagando amorinhas
vagalumes pisca-piscando na noite
cruzeiros de imaculadas capelinhas
fios d'água entre cascalhos dispersos
poeminhas de quatro versos.

Amo as coisas grandes, imponentes
águias gigantescas repousando
nos píncaros mais perto do céu
vitórias-régias descomunais
dedos de aço rasgando intocadas florestas
máquinas luminosas encurtando imensidões
átrios majestosos de seculares catedrais
quedas fragorosas de grandes rios
a "Marcha triunfal" de Rubén Darío.

TENTAÇÃO

Cuidado Pensamento!

Há um vento atrevido que rouba
flores, folhas, perfumes, vozes,
esgarça nuvens indefesas
revolve as comas comportadas
solta as tranças do cípoal
arrebata cartazes coloridos das fachadas
desmonta espantalhos dos quintais;
pelas frestas invade as moradias
entre os corpos e as vestes se insinua
incontido afã de descoberta e posse.

Cuidado Pensamento!

submerge no mais fundo do ser;
não possa o vento travesso
-- símbolo do ser liberto --
descobrimo vontades ocultas
induzir-te ao despojamento total
abandono da habitual compostura
a perigosos caminhos te atrair
com promessas de efêmeras venturas.

UTOPIA

Pergunte ao pássaro
pergunte à nuvem
pergunte ao vento
porque essa pressa de ir
se não pretendem voltar
ou se estão daqui a fugir
porque buscam outro lugar
onde há tempo maior para sonhar
razão melhor para não regressar.

PÁSSARO LENDÁRIO

Quisera ser um pássaro
pequeno ou grande
branco ou de cor
não importa;
quisera asas incansáveis de gaivota
de alcion no seio da onda a procriar;
quisera ser um pássaro
sem nostalgias da vida nas ramadas
sem receio de cárceres dourados;
do floco de espuma de uma vaga explodindo
no alto do penedo repousar;

quisera ser um pássaro
pequeno ou grande
branco ou de cor
não importa;
quisera ser um pássaro lendário
nascer
viver
morrer
no mar.

MALUQUICES

Saí por aí
qual Pedro Malasartes
apagando a linha separatista do horizonte
misturando cores na alvura das nuvens
pintando flores vistosas no asfalto das ruas
desbastando os cantos das casas de esquina
aparando o pico da montanha orgulhosa
dançando sobre os fios que unem os postes
sorvendo as lágrimas gotejantes dos repuxos
fazendo das antenas entrecruzadas
moradas para os pássaros em ninho
e mil outras coisas mais...

Depois

indiferente à censura ou elogio
vi o povo pasmado a julgar-me
louca ou gênio de outro mundo fugidio
e ri como há muito não fazia
à luz do novo dia
quando lembrei o motivo deste sonho:
aquela sua confissão (ou explosão?)
a respeito de nem sei mais que tolice:
- "Gostaria de vê-la menos séria
menos adulta e convencional
gostaria de vê-la praticar qualquer maluquice!"

CONFITEOR

Longínqua estrela:
quantas vezes te busquei
sem ninguém suspeitar meu desejo...

Quantas vezes te falei
sem ninguém ouvir nossa conversa...

quantas vezes te sorri
sem ninguém avaliar meu prazer...

quantas vezes te invejei
sem ninguém

quantas vezes que teu luzir culpei
se alguém me surpreendia a chorar.

SAFARI

Por entre as galáxias
aventurou-se o homem
frágil -- contudo valente
ignorante -- contudo curioso
mortal -- contudo racional
à procura de outros seres.

No cosmo estão a esperá-lo
a Ursa Maior e a Menor
o Grande e o Pequeno Cão
o Touro a Cabra o Leão
como ele mesmo os chamou
descobrimo-lhes forma, cor, movimento.

Animal entre animais
na selva celeste espalhados
alcançá-los e apresá-los
o sonho virou tormento
levado pelo milenar desejo
de dominar as coisas que o atraem fisicamente.

ALEGRA POSTAL

Rêdea firme, chicote estalando
o cavalo da carrocinha
com destreza governando
lá vem a colonazinha
com seu pregão costumeiro
alegrando a sua passagem
com o sorriso mais brejeiro
olhar atento e buliçoso
sob um lenço colorido
de onde fogem louras tranças
enfeitando-lhe o vestido.

Belo postal que escasseia
pelas ruas outrora cheias
de singelas viaturas
carregadas de verduras frescas.

Lourinha de rôseas faces
seus lábios -- maduras cerejas
cantam o frescor das alfaces
mostrando a alvura dos dentes
num convite a toda a gente
pra comprar o que apregoa
devendo à roça voltar
antes de a noite chegar.

Sem poderes de feiticeira
bem percebe a roceirinha
se é o comprador um esperto
que quis vê-la mais de perto .